

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

historiador. Tais limitações, frequentemente de carácter discutível, como o reconhece honestamente R. Weil, não prejudicam em nada a conclusão, tirada a págs. 16, de que se deve a Tucídides a extraordinária criação da «história filosófica e sistemática».

Um breve capítulo sobre a transmissão do texto de Tucídides e uma bibliografia criteriosa e actualizada rematam a *Introdução* deste volume, sem dúvida de grande utilidade para o público de estudantes a que se destina.

M. O. P.

LYSIAS — Quatre Discours: Sur le meurtre d'Ératosthène; Epitaphios; Contre Érastosthène; Pour l'invalidé. Édition, introduction et commentaire de MARCEL BIZOS. «Érasme», Presses Universitaires de France, 1967, 144 pp.

Este volume da colecção «Érasme» é dedicado à apresentação de Lísias, o maior dos logógrafos gregos, aqui representado por 4 dos seus mais conhecidos discursos. Uma introdução geral ajuda o leitor a situar-se no ambiente em que viveu o grande orador, ao mesmo tempo que o familiariza com algumas das questões mais importantes que a obra de Lísias suscita. Louve-se, em primeiro lugar, o rigor demonstrado no apuramento dos dados biográficos. A análise das razões que podem estar na base da emigração de Lísias para Túrios constitui um ponto interessante da biografia do orador, tratado nesta *Introdução*. O problema da relação entre uma primeira fase de carácter sofisticado e a futura actividade de logógrafo, tocado ligeiramente a págs. 7, não fica devidamente equacionado. Mais prudente e correcta a posição daqueles que, em vez de épocas separadas na criação literária de Lísias, admitem uma dualidade de posições que frequentemente se conjugam ao longo da carreira do autor.

Na caracterização de Lísias como grande escritor, com justo relevo dado à *ἠθοποιία* (pp. 10-11), assinala-se a falta de qualquer referência à problemática moral que esta maravilhosa adequação às circunstâncias de cada caso implica. As frequentes contradições no plano político, que é possível assinalar quando se abarca a totalidade da produção conservada de Lísias, são uma dificuldade que se põe naturalmente a qualquer intérprete desta obra. Trata-se de um aspecto importante da personalidade do autor que esta introdução não chega sequer a considerar.

Depois de uma rápida alusão à história do texto e de uma breve indicação bibliográfica vêm os discursos que integram este volume, acompanhados de notas abundantes de carácter histórico, gramatical e estilístico. Das notícias que precedem os discursos saliente-se o interesse da introdução ao *Epitáfio*. Aqui Bizos não se limita ao resumo comentado do texto, mas historia os momentos fundamentais da cerimónia que lhe deu origem. Como era inevitável, discute, a págs. 42-3, o problema complicado da autenticidade da obra. Tem razão o A. ao pôr em causa o argumento do estilo, invocado por Blass para negar a Lísias a autoria do *Epitáfio*: a natu-

reza do tema podia ter levado Lísias a escrever num estilo diferente do habitual. A posição de Bizos neste problema identifica-se, portanto, com a tendência moderna para atribuir a Lísias a autoria deste discurso.

M. O. P.

CICÉRON — Orationes in Catilinam (Catilinaires). Édition, introduction et commentaire de AUGUSTE HAURY. «Érasme», Presses Universitaires de France, 1969, 198 pp.

Na sua introdução às *Catilinárias* começa A. Haury por salientar a dificuldade em apreciar devidamente a actuação de Cícero no complicado processo que é a conjuração de Catilina. Ao longo de páginas sugestivas de análise do ambiente político em que estes discursos se forjaram e viram a luz realiza o A. a discussão do problema essencial que consiste em saber se há fundamentos reais para a tendência actual de minimizar a figura de Cícero no quadro dos graves acontecimentos do ano 63 a.C.. Desta análise resulta uma espécie de reabilitação do grande orador, cuja glória, assente numa atitude de exemplar moderação, ressalta com toda a evidência no final da *Introdução*. Mas não é apenas a personalidade de Cícero que sai esclarecida destas curiosas páginas de história: a intervenção de Crasso e César no desenrolar dos sucessos que levam à conjuração e morte de Catilina é aqui objecto de exame agudo e desapaixonado. O jogo duplo a que se entregam Crasso e César, com a habilidade exímia de políticos natos, serve afinal para fazer avultar o tacto político de Cícero e principalmente a humanidade com que ele defronta uma situação propícia às maiores violências. Particularmente interessante é o desenho da figura de Catilina, que nos aparece como uma personagem extremamente real, definida pelos eternos contrastes entre as promessas e as intenções, a pretensão da defesa desinteressada das classes oprimidas e a realidade profunda da ambição de poder pessoal.

Deste modo fornece a *Introdução* um resumo claro dos acontecimentos que explicam as 4 orações contra Catilina, ao mesmo tempo que caracteriza a personalidade política e humana do orador. A síntese oferecida é completada pela extensa e bem elaborada bibliografia que inclui a análise de «alguns problemas». Entre estes avulta o da autenticidade da 4.^a Catilinária. Tece aqui o A. breves considerações sobre a unidade da colectânea, em que a 4.^a Catilinária corresponde à 1.^a, pronunciando-se a favor da ideia de autenticidade, de acordo com a tendência dos modernos investigadores. A hipótese de uma redacção definitiva do discurso em 60 a.C. é aqui apenas aflorada, pelo que não trata o A. da questão complicada das diferenças entre os discursos realmente proferidos e os discursos publicados em 60 a.C.. A situação política nesta data era evidentemente diferente daquela em que os discursos foram pronunciados e essa diferença imprimiu certamente carácter aos discursos. E não se trata aqui apenas do arranjo artístico do pormenor do estilo mas de uma ocasional refundição dos textos de acordo com as novas conveniências do orador.

Saliente-se, a terminar, a existência de três apêndices que valorizam esta edição pelos elementos que fornecem para um cabal esclarecimento dos textos: em 1.º lugar, os fragmentos dum discurso fundamental, pronunciado por Cícero em 64 a.C., com o título de «In senatu in toga candida»; depois, um extenso fragmento do poema ciceroniano «De consulatu suo»; por fim, o texto famoso em que Salústio traça o perfil de Catilina no cap. 5.º da sua obra «De coniuratione Catilinae».

Notas abundantes de carácter gramatical e estilístico enriquecem esta edição, que vem ocupar um lugar especial na série latina da bem conhecida colecção «Érasme».

M. O. P.

JOHAN HENRIK SCHREINER — Aristotle and Perikles. A Study in Historiography. «Symbolae Osloenses», Fasc. Supplet. XXI, Osloae, in aedibus Universitetsforlaget, 1968, 138 pp.

Este trabalho, nascido dum seminário consagrado à parte histórica da *Athenaion Politeia* de Aristóteles, está orientado para o esclarecimento de um problema particular: a concepção aristotélica da figura de Péricles. Através de uma investigação densa no domínio difícil da obra dos atidógrafos, demanda o A. metódicamente o seu objectivo e as conclusões que vai tirando excedem largamente o propósito inicial. Realiza-se uma espécie de esboço da evolução da historiografia ateniense, anterior a Aristóteles, em torno de alguns tópicos fundamentais da história política de Atenas. O aproveitamento do pouco que se sabe sobre a obra de autores como Cleidemo, Andrótion e Fanodemo, que assumem um relevo especial na compreensão do pensamento aristotélico sobre a história ateniense, é feito com prudência e argúcia dignas de nota. Trata-se, no entanto, de um trabalho de reconstrução, por vezes aventuroso, dado que se baseia num postulado que não pode ser aplicado sempre e sem discriminação: o de que cada atidógrafo toma, em matérias controversas, posição contrária ao imediatamente anterior (p. 19).

A págs. 92-3 analisa o A. as duas visões de Péricles que nos chegam da Antiguidade: a ateniense e a de cidadãos de outras cidades da Grécia. A 1.ª é naturalmente favorável ao grande homem político e vamos encontrá-la, por ex., em Tucídides, Isócrates, Lísias e Demóstenes. Platão ocupa um lugar aparte neste contexto porque os seus elogios a Péricles aparecem-nos misturados com críticas: ver a este respeito, em especial, o *Górgias* com a sua condenação da política imperialista de Atenas. A comédia ática, particularmente Cratino, toma frequentemente Péricles como alvo da sua sátira, mas é de considerar aqui que a atitude normal da comédia em relação ao governo é de franca oposição. De um modo geral, no entanto, a tendência mais visível na comédia ática, em especial depois da morte de Péricles, foi de elogio ao estadista, de acordo com a orientação mais seguida pelos historiadores atenienses. No caso particular de Aristóteles, demonstra Schreiner que o retrato de Péricles na

Athenaion Politeia é «uma estranha mistura do panegírico de Andrótion e das críticas de Fanodemo» (p. 97). O recurso a outras obras de Aristóteles em que há referências a Péricles não modifica a situação. Mantém-se a mesma imagem inconsistente, que o A. atribui a uma secreta animadversão do Estagirita à orientação política de Péricles que levou ao estabelecimento da oclocracia (p. 99). A conclusão deste excelente trabalho, dada no *Epilogo*, é uma forma de homenagem ao método de trabalho de Aristóteles: a dificuldade em traçar um retrato consistente de Péricles resulta do carácter contraditório dos testemunhos. Se Aristóteles seguisse apenas um autor, de entre os que se ocuparam do famoso político ateniense, não se veria a braços com complicações. Mas o grande investigador tem a preocupação da consulta exaustiva das fontes, ainda que tal orientação possa dificultar um entendimento claro das figuras e dos acontecimentos do passado.

M. O. P.

LUCIANO CANFORA — Per la Cronologia di Demostene. Adriatica Editrice Bari, 1968, 120 pp.

Contrariamente à opinião tradicional que situa a 4.ª *Filípica* e o discurso *Sobre o Quersoneso* em 341 a.C., retoma o A. a tese de Blass sobre a falta de unidade da 4.ª *Filípica* para concluir pela definição desta obra como uma espécie de centão de textos de várias épocas, realizado por um falsário pre-alexandrino, editor dos discursos de Demóstenes. Os principais argumentos invocados não têm, porém, a força demonstrativa que lhes atribui o A.. Assim, a característica de prómio, afirmada com particular insistência em relação aos parágrafos 46 e 49, e a existência de um epílogo a meio da oração não bastam para se concluir pela junção arbitrária de passos cronologicamente diversos numa composição de feição aparentemente unitária. A unidade dum discurso não exclui a sua divisão em secções que podem constituir pequenas unidades de sentido dentro duma unidade maior. Também não satisfaz o argumento de que é a 4.ª *Filípica* o único exemplo de utilização da invectiva pessoal numa «demegoria». Porque haveriam de obedecer a um figurino único as «demegorias» do orador?

A posição adoptada perante esta questão da autenticidade da 4.ª *Filípica* afecta, naturalmente, o problema da relação entre este discurso e o discurso *Sobre o Quersoneso*. E assim vemos que a teoria do A. sobre a composição da 4.ª *Filípica* obriga a admitir uma refundição do discurso *Sobre o Quersoneso* posterior ao trabalho do citado falsário pre-alexandrino, dado que a análise dos passos comuns aos dois discursos revela a anterioridade da 4.ª *Filípica*. Estamos, evidentemente, no domínio das puras suposições.

Um último capítulo deste livro é dedicado ao problema da data do processo da Coroa. Não obstante o esforço desenvolvido pelo A., não é convincente a sua argumentação destinada a invalidar os testemunhos de Dionísio e Plutarco, que